

Narrativas Oníricas: O Sonho como Composição Social e Política

Dreamlike Narratives: Dreaming as a Social and Political Composition

Narrativas Oníricas: El Sueño como Composición Social y Política

Récits Oniriques : Le Rêve comme Composition Sociale et Politique

 10.5020/23590777.rs.v25i2.e15446

Mário Francis Petry Londero  

Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS - 2008). Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - 2011). Especialista em Saúde Mental pela Residência Integrada em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição (2013). Doutor em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS (2018), com estágio de doutoramento sanduíche pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal). Pós Doutor em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Docente do Departamento de Psicologia, Diretor do Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA).

Resumo

Este artigo, em um primeiro momento, propõe um levantamento bibliográfico das concepções sobre os sonhos e o sonhar em diferentes épocas e culturas para, a partir disso, sugerir um modelo de grupo forjado em uma composição coletiva dos sonhos. Objetivou-se, dessa forma, trabalhar as manifestações oníricas registradas ao longo dos séculos por diversas civilizações e povos, destrinchando os sonhos, que, mesmo atravessados por estranhamentos, mantêm uma íntima relação com a realidade humana – desde a tomada de consciência de si pelo ser humano, os sonhos que registram, de infinitas formas, seus costumes e cotidianos. Para isso, pesquisaram-se artigos científicos trabalhados pela neurociência, pelos estudos antropológicos de povos originários de diferentes continentes, pela arte e pelo campo do inconsciente a partir da psicanálise e da filosofia. O estudo, então, analisou textos sobre o onírico, e, na sequência, o objetivo em destaque abordou o sonho como ato coletivo e político, o que autores da psicanálise brasileira nomearam como oniropolítica. A partir da ideia do sonho como ato coletivo e político, foi proposta uma metodologia para uma modalidade grupal de cuidado e de estudos sobre o onírico, na qual os registros dos encontros se dão a partir de um diário de campo intitulado como sonhário. Tal modalidade grupal é apresentada e detalhada no artigo e operada por uma perspectiva de composição coletiva dos sonhos, tanto para fins terapêuticos quanto para desenvolver futuras pesquisas que interroguem o laço social e suas respectivas narrativas que dizem de seu tempo.

Palavras-chave: narrativas oníricas, oniropolítica, sonhário, grupo de sonhos.

Abstract

This article first presents a bibliographic review of conceptions of dreams and dreaming across different historical periods and cultures and, based on this review, proposes a model of group work grounded in the collective composition of dreams. The aim was to examine dream manifestations recorded over centuries by diverse civilizations and peoples, unpacking dreams that, despite their elements of strangeness, maintain a close relationship with human reality. From the emergence of human self-awareness, dreams have registered, in countless ways, customs and everyday life. To this end, the study draws on scientific articles from neuroscience, anthropological studies of Indigenous peoples from different continents, artistic production, and approaches to the unconscious informed by psychoanalysis and philosophy. The analysis first examines texts addressing the oneiric experience and then focuses on the dream as a collective and political act, a concept that Brazilian psychoanalytic authors have termed oniropolitics. Based on the idea of dreaming as a collective and political act, the article proposes a methodological framework for a group-based modality of care and study centered on the oneiric experience. In this framework, records of group encounters are produced through a field

diary referred to as a dream journal. This group modality is presented and examined in detail, operating from the perspective of the collective composition of dreams, both for therapeutic purposes and for the development of future research that interrogates the social bond and the narratives through which a given historical moment is expressed.

Keywords: dreamlike narratives, dreamlike politics, dreamlike journal, dream group.

Resumen

Este artículo, en un primer momento, propone un levantamiento bibliográfico de las concepciones acerca de los sueños y del soñar en diferentes épocas y culturas para, a partir de ello, sugerir un modelo de grupo forjado en una composición colectiva de los sueños. El objetivo fue, de esta manera, trabajar las manifestaciones oníricas registradas a lo largo de los siglos por diversas civilizaciones y pueblos, desentrañando los sueños que, aun atravesados por extrañamientos, mantienen una íntima relación con la realidad humana – desde la toma de conciencia de sí por parte del ser humano, los sueños registran, de infinitas formas, sus costumbres y cotidianos. Para ello, se investigaron artículos científicos elaborados por la neurociencia, por los estudios antropológicos de pueblos originarios de distintos continentes, por el arte y por el campo del inconsciente desde la perspectiva del psicoanálisis y de la filosofía. El estudio, entonces, analizó textos sobre lo onírico y, en secuencia, el objetivo destacado abordó el sueño como acto colectivo y político, lo que autores del psicoanálisis brasileño nombraron como oniropolítica. A partir de la idea del sueño como acto colectivo y político, se propuso una metodología para una modalidad grupal de cuidado y de estudios sobre lo onírico, en la cual los registros de los encuentros se realizan a partir de un diario de campo denominado soñario. Dicha modalidad grupal es presentada y detallada en el artículo y operada desde una perspectiva de composición colectiva de los sueños, tanto con fines terapéuticos como para desarrollar futuras investigaciones que interroguen el lazo social y sus respectivas narrativas que expresan su tiempo.

Palabras clave: narrativas oníricas, oniropolítica, soñario, grupo de sueños.

Resumé

Cet article propose dans un premier temps une revue bibliographique des conceptions sur les rêves et l'acte de rêver à travers différentes époques et cultures afin de suggérer ensuite un modèle de groupe élaboré sur une composition collective des rêves. L'objectif était ainsi d'explorer les manifestations oniriques enregistrées au fil des siècles par différentes civilisations et peuples, en disséquant les rêves qui, bien que traversés par des étrangetés, gardent une relation intime avec la réalité humaine - depuis la prise de conscience de soi par l'être humain, les rêves reflètent, de façons infinies, ses coutumes et son quotidien. Pour cela, on a examiné des articles scientifiques abordés en neurosciences, des études anthropologiques sur des peuples autochtones de différents continents, ainsi que des travaux portant sur l'art et le domaine de l'inconscient à travers la psychanalyse et la philosophie. L'étude a donc analysé des textes sur l'onirique et, ensuite, l'objectif mis en avant a abordé le rêve en tant qu'acte collectif et politique, ce que des auteurs de la psychanalyse brésilienne ont appelé « oniropolitique ». Partant de l'idée du rêve comme acte collectif et politique, une méthodologie a été proposée pour une modalité en groupe de soin et d'étude de l'onirique, dans laquelle les enregistrements des rencontres sont réalisés dans un journal de terrain intitulé sonhário. Une telle modalité de groupe est présentée et détaillée dans l'article et mise en œuvre selon une perspective de composition collective des rêves, aussi bien à des fins thérapeutiques que pour développer de futures recherches qui interrogent le lien social et ses récits respectifs qui témoignent de leur temps.

Mots-clés : récits oniriques, oniropolitique, registre de rêves, groupe de rêves.

Este artigo é um dos produtos da pesquisa “Narrativas de grupos oníricos: O sonhar como composição social e política” e refere-se ao levantamento bibliográfico realizado para o desenvolvimento dos estudos e de suas concepções sobre o sonhar, delimitando seu norte conceitual e a proposta de estruturação de um modelo de grupo forjado a partir da composição coletiva dos sonhos. Neste texto, em um primeiro momento, objetivou-se percorrer leituras sobre as manifestações oníricas registradas e pensadas ao longo dos séculos e em diferentes culturas. Pretende-se desbravar esse mundo dos sonhos que caminha de mãos dadas com a realidade compartilhada entre os humanos, mesmo quando tal parte integrante da vida – o sonhar, no caso – passe despercebida na maioria das vezes. Dessa forma, pesquisaram-se artigos científicos trabalhados pela neurociência, pelos estudos antropológicos de povos originários de diferentes continentes, pela arte, e pelo campo do inconsciente a partir da psicanálise e da filosofia. O artigo, então, propôs-se a analisar textos sobre o onírico e, posteriormente, teve como objetivo maior pensar o sonho como ato coletivo e político, tal como o inconsciente – verdadeira fonte onírica, segundo o campo psicanalítico. A partir desse fio condutor – o sonho enquanto ato coletivo e político –, objetivou-se a construção e a proposta metodológica. Essa modalidade de grupo de cuidado opera na ideia da

composição coletiva dos sonhos de seus respectivos participantes, tanto para fins terapêuticos quanto com o propósito de desenvolver uma escuta e uma interrogação sobre o laço social e as narrativas de seu tempo, tal como são operadas pelos integrantes dos grupos de sonhos.

O sonho, como atividade onírica coletiva, torna-se um efeito político no qual há atravessamentos e produções de subjetivação no contexto social que se sonha, um acontecimento que não diz de uma interioridade no indivíduo, mas de uma maquinaria de agenciamentos coletivos que pululam devires, tensionam e inventam mundos. Ao longo do texto, será possível perceber a potência do mundo onírico e sua íntima relação com aquilo que a psicanálise e a esquizoanálise enunciam como inconsciente. Ainda que existam diferenças entre essas abordagens, elas também serão discutidas ao longo da exposição. Aliás, tal contenda será um solo fértil deste escrito. Trata-se da leitura sobre o inconsciente e o sonhar, suas vertentes e bifurcações, que levam a diferentes possibilidades de leituras sobre o indivíduo e o coletivo. Aborda-se, também, uma clínica psicanalítica voltada a um sonho familiar e redundante, bem como uma clínica na qual os sonhos transbordam a cena individual, abrindo-o para o laço social e para a maquinaria político-coletiva.

Dessa forma, o artigo desagua na ideia de uma montagem de circuitos coletivos de composição do onírico a partir de grupos de sonhos. Tal ideia é baseada nas experiências advindas da pesquisa “Narrativas de grupos oníricos: o sonhar como composição social e política”, que, nos últimos anos, realizou intervenções grupo-experimentais que propunham a gestão coletiva dos sonhos. Nesse período experimental, trabalhou-se com diversas populações singulares e que buscaram os grupos em razão de sofrimentos e angústias de seu tempo, como: estudantes universitários no período da pandemia COVID-19 (primeiro grupo a experimentar a proposta, mas de maneira virtual, de março de 2020 a agosto de 2021); população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais); imigrantes refugiados; e usuários de serviços de saúde mental. Tais grupos foram importantes para a aquisição de experiência no trato com as narrativas coletivas dos sonhos, o que possibilitou a formação de uma síntese metodológica que se apresentará ao final do texto. De toda forma, em formato de rascunho preliminar, é possível indicar que os grupos realizados entre 2020 e 2024 iniciavam com as narrativas de sonhos de cada participante. Em seguida, ocorria o momento de tentar relacionar e analisar os sonhos no grupo, buscando identificar possíveis linhas de conexão entre si. Na sequência, trabalhava-se a criação, com diversos dispositivos artísticos, de composições entre as narrativas oníricas, a fim de problematizar e analisar o laço social e a produção de sofrimento que os participantes enunciavam ao longo dos encontros.

Como resultado deste texto, será proposta uma metodologia de intervenção grupal para a composição coletiva dos sonhos com base no levantamento bibliográfico feito e nas experiências já ocorridas. Calcado nessa pretensão e no que o artigo se propõe a decantar, surgem ao menos duas interrogações-guia deste estudo: quais relações podemos conjecturar entre o mundo onírico e o laço social de determinada época e contexto? Como pensar uma composição grupal de sonhos que possa ser trabalhada em diversas populações no território psicanalítico, tanto para fins terapêuticos quanto para análises do social em futuras pesquisas?

Para se inspirar nessas questões, o artigo percorrerá, primeiramente, um pouco das formas sobre como alguns povos – da antiguidade, originários e atuais – concebem o sonho em suas culturas. Posteriormente, será problematizada, no terreno da psicanálise, uma leitura que aborde os sonhos como uma atividade interior ao sujeito e, por essa razão, individuais. A partir disso, serão apresentadas perspectivas que coadunam com a ideia de que o sonho é coletivo e político. Por fim, com base no sonho enquanto processo político-coletivo, será apresentada uma metodologia para a produção de grupos que se passa na composição coletiva dos sonhos, bem como uma forma de depurar o rico material onírico que tais grupos podem produzir e que tratam de narrativas atravessadas pelo laço social, com seu tempo e seu contexto político presentes.

Povos, Histórias e Culturas: Narrativas sobre o Onírico

Sonhar é uma atividade que acompanha o ser humano desde os tempos mais primevos. Ribeiro (2019) recapitula a história dos sonhos e aponta para essa antiga relação da humanidade com o mundo onírico. Ao longo dos séculos, é possível verificar a multiplicidade de interpretações que cada cultura destinava aos sonhos. Povos mais antigos tinham no sonho um guia para as caçadas, premonições do que viria a ser conquistado ou de alguma tragédia que se anunciava. Especula-se que os sonhos despertaram a espiritualidade a partir de uma possível mediação junto aos ancestrais falecidos, em uma comunicação com os mortos possível aos sonhadores. Isso produzia a crença em um outro mundo habitado pelos antepassados.

Com o passar do tempo, essas leituras sobre os sonhos ainda se sustentaram. No entanto, nos gregos e em outros povos da antiguidade, como o egípcio, os sonhos também foram vistos como uma ferramenta de cuidado de si. Há registros de um analista de sonhos, um sábio e intérprete onírico grego chamado Artemidoro, que “escreveu um tratado clássico chamado *Oneirokritika*” (Ribeiro, 2019, p. 23). Ainda assim, tanto no Egito como na Grécia, o sonho tinha a característica da premonição a partir dos oráculos em sua arte enigmática e divinatória. Na mitologia grega, Morfeu levava aos governantes as mensagens dos deuses a partir dos sonhos, o que o tornou o símbolo maior quando se trata do mundo onírico. A mitologia grega ainda fala do sono como uma “pequena morte cotidiana, representada pelo deus Hipnos, gêmeo de Tânatos, deus da morte, ambos filhos de Nix, deusa da noite” (Ribeiro, 2019, p. 14). Hipnos, o sono, teria papel fundamental e terapêutico para os gregos.

Tais culturas da antiguidade ainda reverberam suas leituras sobre os sonhos na atualidade, seja no campo da neurociência, da psicanálise e da psicologia, seja em estudos antropológicos que resgatam ontologias de povos originários. Por exemplo, no Brasil, o povo Yanomami cultiva a ideia de que o sonho é um sinal de mensagem de alguém que deseja se comunicar com quem está a sonhar. Seja uma pessoa viva, um ancestral falecido, ou mesmo animais e vegetais da floresta, quando se sonha com algum deles, na verdade, está-se dando voz a algo que o sonhado deseja falar para quem sonha. É o sonho como desejo dos outros (Limulja, 2022). Os sonhos também indicam perigos futuros e podem modelar o que o sonhante fará no dia posterior ao sonho. “O espaço-tempo do sonho e do mito é, para os Yanomami, coetâneo com o espaço-tempo da vigília, no sentido de que ambos podem se afetar mutuamente” (Limulja, 2022, p. 13). Para os Yanomami, quem sabe sonhar e interpretar os sonhos detém um grande poder, pois sonhar é conseguir visualizar o invisível – aquilo que, no cotidiano comum, não parece estar presente, que se esconde e que foge, mas que está ali para quem possui uma visão atenta e sintonizada com o mundo dos sonhos.

Na Austrália, aborígenes do deserto, denominados como Warlpiri, foram estudados por Glowczewski (2015). Eles têm a característica de, ao acordar, realizar uma reunião da comunidade para compartilhar os sonhos, de maneira a planejar o cotidiano do dia a partir das mensagens oníricas que obtiveram durante a noite. A autora analisa, inclusive, que, com essa característica de viver a vida a partir das mensagens advindas dos sonhos, esses aborígenes, mesmo agora sedentarizados em determinado espaço, conseguem resistir à colonização impetrada na Austrália pelos ingleses, pois sustentam um *modus operandi* nômade a partir das viagens oníricas. Ela comenta:

Uma das respostas pode estar justamente nessa visão específica que eles têm do espaço e do sonhar que, mesmo sedentarizados, lhes permite continuar viajando. Ainda que sejam obrigados a ficar num só lugar, através de suas cerimônias, seus cantos e os sonhos da noite, eles podem continuar a praticar suas famosas viagens (Glowczewski, 2015, p. 46).

Para os Warlpiri, o sonhar inclui todo o possível, de maneira que, no mundo diurno, da realidade, aquilo que é sonhado pode ocorrer. O sonhar “não tem nem ponto de partida nem ponto de chegada específico. É a condição da vida e de todas as transformações” (Glowczewski, 2015, p. 62).

Retornando à leitura dos sonhos na cultura ocidental, também é possível observar que no auge do cristianismo, após a decadência do Império Romano, os sonhos ganharam ares de assombração e tentação na medida em que poderiam indicar um encontro com o divino. Santo Agostinho tinha uma preocupação com os “sonhos eróticos”, que, segundo Ribeiro (2019, p. 75), “não conseguia evitar apesar do celibato, o que tentava explicar pela autonomia dos sonhos”, imagens não domáveis pela consciência, mesmo quando se tratava de um santo. Aqui, é possível observar o quanto os sonhos, em culturas extremamente repressoras, podem indicar marcadores de assuntos que, normalmente, não se deseja enfrentar. Na cultura cristã medieval, por exemplo, havia uma pressão infernal sobre os desejos sexuais, o que produzia, possivelmente, uma grande quantidade de sonhos eróticos junto à população da época, tal como a angústia de sonhos pecaminosos manifestados por Santo Agostinho. Não à toa, mesmo já na decadência do período medieval, quem ousasse publicizar uma literatura que promovesse sensualidade e fantasias sexuais corria o risco de ser preso e perseguido. Donatien Alphonse François de Sade, conhecido como Marquês de Sade, foi perseguido por suas posições político-filosóficas e por seus escritos repletos de histórias recheadas de fantasias sexuais e revolucionárias para aquele tempo cristão. Acabou preso, acusado de libertinagem, limitado ao espaço das celas das prisões e asilos de loucos que ocupou por trinta e dois anos.

Passada a idade das trevas, no período do Romantismo (século XVII), os sonhos, associados ao uso de entorpecentes, tornaram-se fonte de inspiração para obras artísticas e filosóficas. Serviram como meio de interiorização – uma volta sobre si mesmo – em busca de uma certa essência da alma (Figueiredo, 2012). Ainda na arte, mas já contaminada pela “peste” freudiana, os surrealistas do começo do século XX inspiravam-se no inconsciente e no mundo onírico para produzir suas obras. Com o inconsciente inaugurado por Freud, toda uma outra possibilidade para se olhar os sonhos foi possível, o que Salvador Dalí e seus companheiros utilizaram como recurso estético para criar seus trabalhos artísticos e para revolucionar o plano da arte.

Em *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1996a), é possível constatar uma obra fundamental para o avanço dos estudos sobre o inconsciente. Com ela, Freud democratiza o inconsciente, pois, se os sonhos são a via régia, isso indica que todo o ser humano é atravessado por essa instância indomada pela razão, posto que são uma atividade mental comum a todos. Da mesma forma, Freud (1932-1936/1996f) indica que os sonhos são compostos por aquilo que representa a dinâmica do inconsciente: a condensação e o deslocamento. A partir da condensação, um elemento do sonho manifesto corresponde a vários pensamentos oníricos latentes. Por outro lado, o deslocamento diz respeito aos afetos deslocados que desviam do sentido afetivo primordial, o que produz a distorção onírica.

Também com Freud – mesmo que ele não tenha desdobrado completamente sobre quanto o sonho se relaciona com o político de determinada realidade social – é palpável pensar que o mundo onírico investigado pela psicanálise tem várias camadas interpretativas, o que abrange tanto o nível individual quanto a camada político-social, pois toda a estrutura institucional e o laço social são a base para a formação do inconsciente e, por conseguinte, dos sonhos. Nesse sentido,

Freud (1913/1996c, p. 159) comenta que toma a sua posição teórica sobre a mente humana, primeiramente, como “uma mente coletiva, em que ocorrem processos mentais”, tal como ocorre em um indivíduo que se constrói a partir das relações com o outro, com o social e suas estruturas vigentes. Assim, essa mente coletiva é o que forma o inconsciente e aquilo que como efeito é sonhado, de maneira que, o sujeito, ao narrar seus sonhos, desenrola uma cadeia de significantes com inúmeras interpretações e com uma infinidade de montagens sobre apenas um sonho.

Com Lacan (1964/2008, p. 32), na esteira freudiana, pode-se entender o sonho tal qual o chiste e o ato falho, como um tropeço, “alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade”, como um texto que comporta uma lógica (a do significante) e expressa um sentido.

Jung também contribuiu para pensar sobre os sonhos em seus escritos. Apesar de sua separação com o campo psicanalítico por seu mais além da libido – voltada para o que entendia como uma energia apontada para o espiritual, na qual aspirava um encontro com o verdadeiro *self* –, sua leitura sobre os sonhos é bastante instigante. Para ele, os sonhos eram manifestações do inconsciente, seja o individual, com suas sombras; seja o coletivo, com seus legados arquetípicos que mostravam caminhos para o sonhador a partir de símbolos ancestrais, isto é, por meio de heranças construídas pelas diversas culturas existentes ao longo dos séculos no mundo (Jung, 1928/1987).

Não obstante, ainda com a leitura psicanalítica e suas reverberações em outros pensadores, é muito interessante destacar os comentários críticos feitos por Frantz Fanon frente às interpretações psicanalíticas com teor universalizante para os sonhos. O pensador destaca, ao falar dos Malagaxes, o quanto a colonização e a cultura do terror imposta reverberaram nos sonhos dos colonizados, sendo preciso recolocar os sonhos no seu tempo, relacionados às estruturas sociais da própria época, não podendo estabelecer o parâmetro edípico e europeu, por exemplo, para avaliar tais sonhos (Fanon, 1952/2008). Em outra publicação, ao falar do mundo colonial e do nativo confinado, Fanon comenta sobre os sonhos possíveis para essa população explorada:

(...) o apartheid nada mais é do que a compartimentação do mundo colonial. A primeira coisa que o nativo aprende é a ficar no seu lugar, a não ultrapassar os limites. Por isso, os sonhos do nativo são sonhos musculares, sonhos de ação, sonhos agressivos. Eu sonho que salto, que nado, que corro, que subo. Sonho que dou gargalhadas, que atravesso o rio de uma pernada, que sou perseguido por frotas de carros que nunca me alcançam. Durante a colonização, entre as nove da noite e as seis da manhã, o colonizado não para de se libertar (Fanon, 1961/2022, p. 48).

Em sintonia com essa leitura dos sonhos afetados pelas marcas de determinada cultura e política vigentes dentro de um contexto histórico, Charlotte Beradt – judia alemã e jornalista – tinha sonhos perturbadores no período em que a Alemanha estava prestes a passar pelo nazismo. Em seus sonhos – ou melhor, pesadelos – era torturada, perseguida e baleada. Começou a ter insônia para não olhar suas terríveis visões que pareciam anunciar o holocausto. Exausta por sua produção onírica catastrófica, intuiu que talvez não estivesse sozinha em seus sonhos. Eles diziam de uma atmosfera político-coletiva que se tramava, era um sonhar enlaçado com a produção social que a apreendia e que trazia uma estranha temporalidade por vir. A partir dessa sensação, a jornalista iniciou uma coleta de relatos de sonhos de alemães, entre 1933 e 1939. Ela percebeu que a experiência nazista era vivenciada coletivamente e gestada nos sonhos. Vestígios de um mundo sombrio aterrorizavam os alemães que escreveram a ela. Beradt (1966/2017, p. 40), ao comentar os sonhos, atravessados pelo nazismo, indica que eles “parecem mosaicos – frequentemente compostos de forma surrealista –, mas cada uma de suas pedrinhas provém da realidade do Terceiro Reich”. Sejam mulheres ou homens, burgueses ou proletários, jovens ou velhos, o fato é que os sonhos eram atravessados pelos acontecimentos políticos que ocorriam na Europa/Alemanha nazista. Como comentara Kehl (2017, p. 3), ao pensar o livro de Beradt, “quando o terror instituído na vida social se reproduz nos sonhos, o Estado consumou seu objetivo totalitário”.

Beradt, com sua publicação sobre os sonhos no terceiro Reich, acaba por influenciar, em anos posteriores e distintos, teóricos do campo da psicologia e da psicanálise quanto ao pensar o sonho como da ordem político-coletiva. O inglês Gordon Lawrence, assim como pesquisadores psicanalíticos brasileiros da atualidade, acabou por apostar nessa leitura onírica que remete ao laço social e não apenas a um universal familiar. Gordon Lawrence, em 1982, lança seu livro *O Sentido social dos sonhos: a técnica da matriz*. Nesse livro, o autor traz uma visão sobre o sonhar na qual o mundo onírico poderia destacar e pensar situações sociais que estavam para além de uma mera análise individual dos sonhos. Inclusive, na leitura de Lawrence, quando tratava de trabalhar com grupidades que narravam sonhos, dava destaque para os sonhos e não para o sonhador, “já que os mesmos contêm os aspectos social, político, institucional e espiritual daquele meio social” (Lawrence, 1982/2010, p. 9). A partir do método que juntava a associação livre freudiana com o pensamento sistêmico, Lawrence desenvolvia grupos que exploravam os sonhos dos participantes no intuito de alcançar novos pensamentos e novas formas de pensar. Em suas pesquisas, o autor identificou padrões que conectavam os vários sonhos narrados nos grupos, o que indicava a natureza social dos sonhos. Lawrence foi muito requisitado no campo empresarial para trabalhar com grupos de sonhos na qualificação das relações de trabalho, na produção e na análise da própria instituição. Suas pesquisas tiveram início no Instituto Tavistock, instituição britânica de ciências sociais aplicadas, mas também se expandiram para vários países, como: Suécia, Finlândia, Holanda, Dinamarca, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Irlanda, Austrália, Estados Unidos, Brasil e Ruanda.

No campo acadêmico e psicanalítico brasileiro, o sonhar enquanto ato político-coletivo ganhou notoriedade sobretudo com a pandemia da COVID-19. Nesse período, pesquisadores brasileiros sugerem uma conceituação para o sonho e o sonhar quando ganham formas coletivas, de relação com o laço social e com implicações políticas, no caso, a oniropolítica, como comentam a seguir:

(...) oniropolítica não recai exclusivamente sobre a dimensão terapêutica do sonho, nem tampouco sobre a proposta de construir noções específicas de uma biografia ou mesmo da psicopatologia do sujeito; trata-se, principalmente, de pensar na função coletiva do sonho e do sonhar (Dunker et al., 2021, p. 17).

Nesse momento triste da história brasileira, viveu-se um grande temor coletivo de morte e aniquilação da vida, tanto pelo próprio vírus quanto por conta do contexto político da época quando o presidente Jair Messias Bolsonaro e a ultradireita tomaram o poder no Brasil. Bolsonaro, em sua governança, desacreditava a letalidade da pandemia, incentivando a população a sair às ruas e continuar as suas vidas de modo habitual. Da mesma forma, desacreditava e boicotava os investimentos e as pesquisas de vacinas contra a COVID-19. Para além disso, o governo de Bolsonaro sempre beirou o fascismo, com um forte discurso de ódio direcionado às minorias da população brasileira. Foram tempos de incertezas, de violências institucionais, de mortes por total descaso do governo com a gestão da crise pandêmica, de crenças e moralidades fervorosas que, naturalmente, reverberaram no sonhar cotidiano do Brasil.

Em uma pesquisa sobre os sonhos em tempos de confinamento, os pesquisadores psicanalíticos brasileiros colheram narrativas oníricas de trabalhadores de saúde que estavam na linha de frente do trabalho com a COVID-19, podendo ser observado o quanto tais sonhos diziam do momento histórico pandêmico (Dunker et al., 2021). Naquela época, tanto acordado quanto dormindo, era difícil desligar o pensamento da tragédia que se vivia, os fantasmas traumáticos desse tempo não sossegavam nem mesmo nos sonhos de quem estivesse situado no contexto pandêmico/bolsonarista.

Para encerrar esse resgate das leituras sobre os sonhos em diferentes culturas e épocas, vale destacar mais duas pesquisas realizadas no Brasil. Uma, feita pelo pesquisador Abrahão de Oliveira Santos, do Rio de Janeiro, que propõe a “gestão coletiva dos sonhos”, inspirada na “tecnologia coletiva dos Warlpiri”, a partir do livro de Glowczewski intitulado *Devires totêmicos* (2015). Santos propôs, em meados de 2017, uma oficina de sonhos com 14 participantes, na qual tinha a proposta de trocar narrativas oníricas e, a partir delas, criar encenações, de maneira a produzir novas situações de vida com o auxílio dos sonhos. Sua meta com tal oficina, como conclui seu artigo, foi de “aprender a fazer novos roteiros de vidas” com o auxílio criativo dos sonhos (Santos, 2019, p. 34). Já a segunda pesquisa, no Rio Grande do Norte, foi realizada pelo pesquisador de neurociência Sidarta Ribeiro, que vai entender os sonhos como um captador e um reproduzidor de estímulos, encontros, falas e situações ocorridos em dias anteriores a determinado sonho, bem como um instrumento criativo para resoluções de problemas para os quais a mente desperta não conseguiu solução (Ribeiro, 2019). Os sonhos são uma fonte de inspiração a partir de simulações oníricas para o ser humano, lugar próprio de se conectar com a imaginação e a criação de outros mundos possíveis.

Revolução Molecular dos Sonhos e sua Atividade Política no Campo da Clínica

Nesta parte do artigo, será discutida a escuta clínica feita no campo da psicanálise ao clássico caso do “homem dos lobos”, com a intenção de agenciar isso à crítica efetivada por Deleuze e Guattari. A dupla esquizoanalítica propõe uma releitura do caso, de maneira a articular a escuta com a produção social, o que desencadeia um efeito distinto para pensar o campo do inconsciente e os sonhos, o objeto de discussão em destaque neste escrito.

No texto *Um Só ou Vários Lobos* (Deleuze & Guattari, 1980/1997), os autores trabalham com o famoso caso clínico de Freud e da psicanálise. O nome do paciente – denominado como “o homem dos lobos” –, posteriormente revelado, era Sergei Pankejeff, um russo aristocrata de uma família rica situada na cidade de Odessa, atual Ucrânia. Dentro da psicanálise, Sergei foi tratado por Freud e, posteriormente, pelas psicanalistas Ruth Mack Brunswick e Muriel Gardiner.

Sergei tinha 18 anos quando iniciou seu tratamento com Freud, que durou cerca de quatro anos (de 1910 a 1914) em uma primeira fase, na qual o pai da psicanálise estabeleceu uma data final para o tratamento. Anteriormente à psicanálise, o jovem tinha sido diagnosticado com psicose maníaco-depressiva, mas com Freud ganha novo diagnóstico: uma neurose obsessiva grave. No texto freudiano, o homem dos lobos era cercado por fantasias da infância, as quais foram destrinchadas em cada etapa de sua sexualidade, com destaque para o clássico sonho em que via, pela janela de seu quarto, cinco, seis ou sete lobos brancos. O sonho com os lobos acabava por se direcionar à problemática edípica e, como primeira matriz, ao coito dos pais que Sergei Pankejeff, supostamente, viu na mais tenra infância. “O olhar dos lobos para ele era na verdade ele olhando para a cena primária”, e “os lobos imóveis na verdade indicavam seu pavor a um movimento brusco e violento como o coito dos pais” (Freud, 1918/1994, p. 27-31). Para Freud, Sergei sofria de uma neurose da vida adulta originada por uma neurose infantil que fora iniciada por volta dos quatro anos. Em sua publicação, com base no desenvolvimento psicosssexual infantil do russo, Freud tece um diagnóstico que se inicia com uma histeria de angústia – manifestada a partir de uma fobia de animais –, sucedida por uma neurose obsessiva de cunho religioso, que perdurou até os 10 anos de idade do paciente (Freud, 1918/1994).

Após quatro anos de análise, Freud o considera curado e se debruça sobre o caso para escrevê-lo e publicá-lo, concentrando seu texto na neurose infantil do paciente. Na época, Freud estava preocupado em consolidar sua teoria psicanalítica e estabelecer suas bases para se distinguir das teorias dos dissidentes representados por Adler e Jung (Chemama, 2007).

Chemama (2007) comenta que, após Sergei estar curado – teoricamente – e ganhar alta da análise, o rapaz retorna para sua cidade natal e se casa com Teresa, enfermeira que conheceu quando internado em um sanatório. Tudo se encontrava bem até coincidirem a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, com as quais, como efeito, o personagem acaba por perder suas riquezas com a invasão do exército vermelho em sua cidade e com o confisco de seus bens (Chemama, 2007).

Sergei retorna a Viena em 1926 para trabalhar em uma companhia de seguros e solicitou um novo tratamento com Freud, que duraria seis meses. Posteriormente, Freud encaminhou Serguei para Ruth Mack Brunswick, que deu sequência ao tratamento por apenas cinco meses. O homem dos lobos, nessa época, sofria com hipocondria e com um suposto buraco no nariz que o desesperava, fazendo com que levasse um espelho consigo para olhar a fenda em seu rosto compulsivamente. Mais adiante, iniciou um quadro de mania persecutória, culpando um médico pelo furo no nariz e reclamando que Freud não o tinha tratado bem. Mack Brunswick diagnosticou-o com uma paranoia do tipo hipocondríaco, com base em seus delírios de mutilação.

Após mais de uma década, Sergei volta a se analisar, agora com Muriel Gardiner, de 1938 a 1949 e, depois, em 1956. Sergei ainda apresentava, embora com elementos diferentes, um quadro persecutório com delírios, os quais o induziam a pensar que as outras pessoas falavam sobre ele e ficavam lhe olhando. Gardiner chegou a pensar, inicialmente, que os delírios de perseguição foram desencadeados após a invasão dos bolcheviques, quando Sergei perdeu sua fortuna. No entanto, mesmo assim, não farejou o quanto o inconsciente estaria vinculado muito mais às multidões e à produção social do que propriamente às cenas familiares.

Os filósofos Deleuze e Guattari (1980/1997), sobretudo no que tange aos delírios de Sergei, teceram uma crítica à leitura psicanalítica do caso, que interpretava os sintomas manifestados ao longo da vida do homem dos lobos como respostas a esse fantasma primevo referente à cena de relação sexual testemunhada pela criança e simbolizada em seu sonho com os lobos. Deleuze e Guattari problematizam a não escuta da ebulição social russa pela qual Sergei passou e que retirou todos os seus bens. Eles, inclusive, trazem um segundo sonho, do tempo de Muriel Gardiner, no qual Sergei sonha com uma rua, depois com uma parede com uma porta fechada e, à esquerda, um armário vazio. Sergei fica à frente de uma “mulher grande com uma pequena cicatriz que parece querer contornar a parede”, e, atrás da parede, estão lobos sedentos por empurrar a porta (Deleuze & Guattari, 1980/1997, p. 48). Contudo, apesar de Gardiner suspeitar que os lobos eram os bolcheviques, os revolucionários que terminaram com a fortuna de Sergei, no fim das contas interpreta que o exército vermelho tinha relação com seu pai, pois ele era um dos chefes do Partido Liberal decaído após a Revolução Russa, o que indicava que o sonho “satisfaz o sentimento de culpa do paciente” (Deleuze & Guattari, 1980/1997, p. 48).

Na leitura da dupla esquizoanalítica, os delírios e as manias persecutórias não narravam cenas familiares traumáticas, mas toda uma produção social que se operava no território existencial de Sergei. Ora, como a Revolução Russa não estaria entranhada no discurso delirante e persecutório de Sergei? Seu inconsciente não falava do coito dos pais, mas de um contexto social, de uma política que estava por instalar um novo regime e que destronava certa elite. Deleuze e Guattari (1980/1997), com o caso do homem dos lobos, marcam o quanto o regime edipiano acabava por não dar conta de um inconsciente tomado pelas produções do social. O delírio, o inconsciente e os sonhos são histórico-social-políticos, não familiares, e falam de matilha de lobos e de povoamentos.

Nesta parte do artigo, resgata-se a história do homem dos lobos para trabalhar o termo “oniropolítica”. Nos últimos anos ganhou fôlego, em uma variedade de pesquisas psicanalíticas no Brasil, o lugar e o alcance dos sonhos enquanto elemento privilegiado para acessar não somente o discurso do sujeito em análise, mas também as narrativas que pairam pelo laço social de determinado contexto socio-econômico-político-cultural.

Ao pensar a oniropolítica, bem como ao trazer o texto de Deleuze e Guattari sobre o “homem dos lobos” freudiano, tem-se a intenção de destacar o mundo coletivo do onírico, seu retrato histórico-coletivo, sua força inventiva, questionadora e política na produção social. Vale lembrar que, mesmo com a crítica de Deleuze e Guattari à leitura psicanalítica do caso do homem dos lobos, a psicanálise, já em Freud, trazia a temática político-coletiva dos sonhos ao indicar que eles se passam a partir das formações sociais em que estão vinculados e pelas quais estão atravessados. Nesse sentido, nenhum sonho é apenas indivíduo-familiar, mas também encharcado pelos acontecimentos cotidianos de uma cultura.

Os textos socio-antropológicos de Freud – como *Totem e Tabu* (1913/1996c); Além do *Princípio do Prazer* (1920/1996d); *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2011); *Mal-Estar na Civilização* (1930/1996e); e *Moisés e o Monoteísmo* (1934-1938/1990) – dão pistas para se pensar o quanto o campo psíquico é produto e produtor do laço social, de suas instituições e cultura. Apesar disso, o que ocorre para que, nos textos freudianos de casos clínicos, como em “o homem dos lobos” e em tantos outros feitos ao longo dos anos nas instituições psicanalíticas, esse enlace entre o sujeito e o laço social fique tão à margem? Como Muriel Gardiner conseguiu peneirar o exército vermelho a ponto de chegar no papai de Sergei?

Nos textos até aqui comentados, como os ditos socio-antropológicos de Freud, como a problematização esquizoanalítica feita ao inconsciente psicanalítico e ao segundo sonho de Sergei, como a crítica de Fanon (1952/2008) quando fala que os sonhos devem ser escutados a partir da cultura e dos modos de viver daqueles que narram os sonhos, como os dos povos

originários que pensam os sonhos como algo comunitário e pertencente à realidade e como a onipolítica, são pistas interessantes para se operar o encharcamento do campo da escuta clínica psicanalítica com o que é da ordem do político-coletivo. O inconsciente, movido por uma produção social de caráter político-coletiva – realizada tanto individualmente quanto em grupo –, é o que mais interessa neste artigo e ganhará destaque no item a seguir, servindo como base para pensar, analisar e criar as narrativas oníricas.

A Montagem de Circuitos Coletivos de Composição do Onírico: Uma Metodologia a se Sonhar

Pesquisar é pensar sobre aquilo que não se sabe. Nesse caso, nada mais íntimo à psicanálise, pois sua escuta volta-se para o inconsciente, o que é da ordem do não sabido. Com esse Norte, a proposta metodológica para a produção de grupos de sonhos se baseia na ética de escuta psicanalítica que se conserva em uma doura ignorância, ou no registro do real, como Lacan (1964/2008, p. 55) enuncia: “nenhuma práxis mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real”. Além disso, como base primordial da experiência de pesquisar em psicanálise, salienta-se que a investigação do inconsciente, a escuta clínica e o conjunto de seus conceitos estão sempre enlaçados e em contínua reformulação, a partir da experiência singular de cada intervenção/escuta (Freud, 1912/1996b).

É importante destacar que, neste ponto, só é possível esboçar um método – rascunhar futuras intervenções que, em verdade, só serão efetivamente criadas à medida que se avança em experiências concretas com grupos de sonhos. Entretanto, algumas bases já são possíveis de se especular. Será utilizado o método da atenção flutuante freudiana em composição com o *flâneur* benjaminiano, partindo do princípio de escutar “o que seria descartado ou negado, o que oferece um espaço para o tropeço, o impensável e o detalhe” (Pires & Gurski, 2020, p. 3).

Assim, o pesquisador e proponente da intervenção grupal deverá estar atento à escuta dos sonhos dos grupos que serão realizados, figurando neste campo problemático a partir da imagem do catador de restos que seria o *flâneur* benjaminiano, perambulador das “cidades modernas em busca daquilo que grande parte da sociedade considerava inútil: lixo, sucata, migalhas, materiais descartáveis” (Gurski & Strzykowski, 2018, p. 411). A proposta será de fuxicar nesse lixo, no descartável que aparentemente são os sonhos e o que eles narram sobre o inconsciente, sobre a cultura e o contexto social/político/econômico atual, em um estar atento ao “tecido que engloba essas mensagens” advindas do resto, uma escuta sobre “a rede na qual, eventualmente, algo se deixa pegar” (Lacan, 1964/2008, p. 51).

No perambular pelas narrativas sonhadas pelos participantes dos grupos, tem-se a proposta de realizar anotações, tanto por quem coordena o grupo quanto pelos próprios participantes sonhadores. As anotações serão inspiradas e confeccionadas, em um primeiro momento, tal qual um diário de campo (Barros & Kastrup, 2009) ou um diário de experiência (Gurski, 2019).

O diário de campo é um dispositivo para produzir uma cartografia, e tem como inspiração a *hipomnemata*, que Foucault tratou de pensar ao trabalhar as práticas de si dos gregos. O diário de campo auxilia “na produção de dados de uma pesquisa e tem a função de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (Barros & Kastrup, 2009, p. 70). Já o diário de experiência diz respeito a:

(...) um compilado escrito pelo pesquisador-psicanalista acerca de suas vivências, experiências e reflexões em suas atividades da pesquisa. Metodologicamente, os diários apresentam uma escrita norteada, sobretudo, pelo movimento da associação livre, o que pode causar um certo estranhamento inicial para quem os lê. Isso porque, de maneira geral, esses registros se parecem com um texto fragmentado, aparentemente inacabado, por vezes sem uma articulação evidente entre parágrafos ou frases que se seguem (Gurski, 2019, p. 181).

Os diários serão uma ferramenta fundamental para acompanhar os processos de construções de narrativas que se deseja operar nos grupos, registros que permitirão uma análise futura com as quais se extrairão fragmentos de frases, composições entre sonhos, acontecimentos inventivos que o grupo produziu ao longo dos encontros, restos de sonhos e pensamentos. Para além disso, para aprimorar a proposta de diário, a nomeação que pareceu mais interessante é a de sonhário. O sonhário ganha uma abrangência maior, pois tem a proposta de ser manuseado tanto por pesquisadores/facilitadores quanto pelos participantes dos grupos e, ao mesmo tempo, direciona as experiências, as elaborações e os pensamentos sobre o campo do onírico. Portanto, ele seria um dispositivo não apenas utilizado pelo pesquisador, mas uma atividade de escrita coletiva que convida a todos os possíveis participantes dos grupos de sonhos a se arriscarem na errância de escreverem ou desenharem sobre seus sonhos e atos criativos instalados pelos encontros grupais.

Assim, a composição coletiva dos sonhos terá como ferramenta de registro a confecção de sonhários à medida que os grupos se realizam. Tais registros feitos nos sonhários servirão para a produção de análises junto à pesquisa que baliza este artigo, promovendo uma visão sobre as relações entre os sonhos e os acontecimentos sociais que marcam a época e a cultura. Os sonhários – tal como Sousa comenta sobre a escuta de sonhos coletivos que ajudam a compreender o que se passa em determinada temporalidade social – buscam se avizinhar dos estalidos oníricos de uma cultura, o que abre oportunidade para a escuta ao dar “voz a este sismógrafo inconsciente que pode ser um instrumento precioso de leitura de uma época” (Sousa, 2023, p. 3).

Com essa base metodológica psicanalítica, em sua abertura à escuta do inconsciente, que indica o norte ético-conceitual, e com esse modo de extrair dos grupos de sonhos material analítico para fins de pesquisa – o sonhário –, agora o artigo pretende avançar para uma proposta de montagem de grupos de composição coletiva de sonhos. A ideia é pensar a prática de cuidado operada pela proposta grupal de narrativas oníricas, detalhando o seu possível funcionamento e as suas fases.

Primeiramente, para entender a prática de cuidado proporcionada pela composição coletiva dos sonhos, é importante salientar o quanto o mundo onírico, quando narrado, compartilhado e analisado, promove um trabalho de análise de si em cada um que se propõe a narrar sonhos. Gurski e Perrone, ao falar da oniropolítica, comentam o seguinte sobre a potência da narração dos sonhos:

Como função psíquica, os sonhos são uma elaboração daquilo que chamamos, em psicanálise, do traumático, ou seja, aquilo que o sujeito não consegue representar, simbolizar e que resta como incômodo ao psiquismo na forma de angústia, mal-estar e outros sintomas. A possibilidade de figurar, ou seja, traduzir em uma imagem o que está difuso e ameaçador implica em uma operação de elaboração que transforma uma experiência passiva e aterradora em uma experiência ativa, que pode vir a produzir uma abertura para diferentes possibilidades tanto no campo da compreensão, como no campo da ação (“Oniropolítica: pesquisadores de universidades públicas recolhem sonhos durante a pandemia”, 2020, p. 1).

No caso, os grupos formados podem servir como espaço de acolhida para populações que tenham algo em comum na ordem do traumático, por exemplo: a população LGBTQIAPN+, os imigrantes refugiados, e os usuários de serviços de saúde mental com seus diferentes sofrimentos psíquicos. Em cada grupo, a partir de determinada população singular, com sofrimentos e angústias em comum que podem surgir nos sonhos e ser compartilhados, será possível agrupar e explorar elementos oníricos para realizar um exercício de análise, problematização e reinvenção dos olhares que se pode ter para determinado sofrimento/angústia. Na composição coletiva dos sonhos, cada participante, a partir de sua narrativa onírica, pode despertar no outro similaridades e, ao mesmo tempo, alternativas de criação para o enfrentamento das dores que se operam na alma. Para isso, o coordenador do grupo deve estar atento às narrativas e aos possíveis agenciamentos que se podem produzir. Lawrence (1982/2010, p. 104) comenta que o coordenador grupal deve “concentrar-se nas narrativas dos sonhos, promovendo associações, buscando os vínculos entre eles e fazendo conexões” para que o trabalho onírico ganhe movimento e se faça problematizador e inventivo.

“O sonho é criador de cenas e imagens”, o que possibilita a “criação permanente da subjetivação” (Santos, 2019, p. 27). Nesse sentido, os grupos têm a intenção de mapear angústias e dores que atravessam o coletivo de participantes para que, a partir das narrativas, possam ser elaboradas conversas, intervenções com encenações teatrais, pinturas, danças e escritos poéticos que simulem as situações sofridas de maneiras inventivas, no intuito de forjar novas subjetivações em cada participante.

Trata-se de um movimento de acolhimento das dores coletivas a partir dos vínculos entre as narrativas e, ao mesmo tempo, uma ação ativa de enfrentamento desses sofrimentos, por meio da composição e da invenção – com o apoio da arte e da escuta psicanalítica – de outros modos possíveis de estar no mundo e de vivê-lo.

Para finalizar e sintetizar a forma como se espera que os grupos de composição coletiva dos sonhos funcionem, propõe-se a seguinte ordem de operação no cotidiano grupal. Em um primeiro momento, há o *Tempo de Acolhimento*, instante de chegada, de conversa não focada em sonhos e de possíveis exercícios de relaxamento. No segundo momento, chega a hora de propor a *Abertura das Narrativas de Sonhos* por parte dos participantes. Após as narrativas, em um terceiro momento, tem-se a proposta de analisar as *Relações entre Sonhos*, de costurá-los, marcando similaridades, situações e sofrimentos em comum. Com esse material sintonizado, chega-se a um quarto momento, que seria o de *Composição e Montagem Estética dos Conteúdos Oníricos* relacionados, usando-se do teatro, da pintura, da escrita, da dança, da música, sobretudo, da improvisação grupal para produzir subjetivações com o material onírico trabalhado. Por fim, propõe-se uma *Avaliação do Trabalho* e um momento de introspecção coletiva no qual cada um possa se debruçar em seus respectivos sonhários para anotar as experiências vividas e posteriormente dividi-las com o grupo.

Com essa proposta, vale lembrar, não se pretendeu afirmar uma fórmula única de construção de um grupo de composição coletiva de sonhos, pois sempre será possível inventar nesse caminho da ordem do inconsciente. O que foi aqui colocado diz respeito às experiências anteriores ensaiadas por determinados grupos e que se operaram a partir dessa sistematização, mas que nunca esgotarão caminhos. Pelo contrário, a cada grupo e a cada encontro, as ferramentas para a produção das grupalidades vão se enriquecendo, talvez, como os aborígenes Warlpiri, que sustentam o seu nomadismo não mais desbravando geografias físicas, mas deslizando por territórios oníricos coletivos sempre enlaçados pela infinitude.

Referências

Barros, L.P., & Kastrup, V. (2009). Pista 3 – cartografar é acompanhar processos. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Eds.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 52-75). Sulina.

- Beradt, C. (2017). *Sonhos no Terceiro Reich – com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. Três Estrelas. (Trabalho original publicado em 1966).
- Chemama, R. (2007). Os desafios de uma apresentação de caso (a propósito do Homem dos Lobos). *Scriptura 3: Leitura do Homem dos Lobos*, 3, 6-22. <https://www.eepsicanaliticos.com.br/revista-scriptura>
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 2). Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980).
- Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Debieux, M. R. & Gurski, R. (2021). *Sonhos confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?* Autêntica.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA. (Trabalho original publicado em 1952).
- Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).
- Figueiredo, L. C. (2012). *A invenção do psicológico: Quatro séculos de subjetivação (1500-1900)* (8a ed.). Escuta.
- Freud, S. (1990). Moisés e o monoteísmo. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Imago. (Trabalho original publicado em 1934-1938).
- Freud, S. (1994). História de uma neurose infantil. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Imago. (Trabalho original publicado em 1918).
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4). Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996b). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Imago. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1996c). Totem e tabu. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996d). Além do princípio de prazer. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996e). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996f). Revisão da teoria dos sonhos. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Imago. (Trabalho original publicado em 1932-1936).
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Glowczewski, B. (2015). *Devires totêmicos: Cosmopolítica do sonho*. N-1 Edições.
- Gurski, R. & Strzykowski, S. (2018). A pesquisa em psicanálise e o “catador de restos”: Enlaces metodológicos. *Ágora*, 21(3), 406-415. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003012>
- Gurski, R. (2019). A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre psicanálise e socioeducação. *Tempo Psicanalítico*, 51(2), 166-194. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200009
- Jung, C. G. (1987). *O eu e o inconsciente*. (Trabalho original publicado em 1928).

- Kehl, M. R. (2017, 01 de julho). Sonhos medonhos: Compilação dos relatos oníricos de cidadãos alemães sob Hitler retrata com nitidez o totalitarismo. *Quatro Cinco Um*. <https://quatrocinco.um.com.br/resenhas/historia/sonhos-medonhos/>
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lawrence, W.G. (2010). *O sentido social dos sonhos: A técnica da matriz*. Summus Editorial. (Trabalho original publicado em 1982).
- Limulja, H. (2022). *O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos Yanomami*. Ubu Editora.
- Oniropolítica (2020, 21 de maio). Pesquisadores de universidades públicas recolhem sonhos durante a pandemia. *Jornal Sul 21*. <https://sul21.com.br/coronavirus-2/2020/05/oniropolitica-pesquisadores-de-universidades-publicas-recolhem-sonhos-durante-a-pandemia/>
- Pires, L.P. & Gurski, R. (2020). A construção da escuta-flânerie: Uma pesquisa psicanalítica com socioeducadores. *Psicologia USP, 31*, 1-10. <https://www.scielo.br/j/psp/a/ypMb5wvKSJ3cbcdLvL59sq/>
- Ribeiro, S. (2019). *O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho*. Companhia das Letras.
- Santos, A.O. (2019). A tecnologia de gestão coletiva dos sonhos. *Fractal: Revista de Psicologia, 31*(1), 27-34. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i1/5570>
- Sousa, E.L.A. (2023). Sonhos: Para não asfixiar a memória. *Revista APPOA, 10* (10), 1-33. https://appoa.org.br/correio/edicao/337/8203sonhos_para_nao_asfixiar_a_memoria/1354

Como citar:

Lonfero, M. F. P. (2025). Narrativas Oníricas: O Sonho como Composição Social e Política. *Revista Subjetividades, 25*(2), e15446. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i2.e15446>

Endereço para correspondência:

Mário Francis Petry Londero
E-mail: mariustray@gmail.com



Recebido em: 30/08/2024.

Aceito em: 13/05/2025.